

REPORTAGEM

A Declaração Pública da Consulta Digital Global destacou um vasto leque de questões e recomendações a respeito das dimensões de gênero do extremismo violento e do combate ao terrorismo. A ONU Mulheres realizou 11 entrevistas com mulheres defensoras dos direitos humanos e ativistas da igualdade de gênero em cinco regiões diferentes (ou seja, Estados Árabes, Ásia e Pacífico, América Latina e Caraíbas, África Ocidental e Central e África Oriental e Austral) para ilustrar como trabalham em contextos afetados pelo extremismo violento, os desafios que enfrentam e os esforços que fazem para construir a paz nas suas respectivas comunidades e nações.

Nas palavras de Abdinasir Saman: “As mulheres são fundamentais na construção da paz em Wajir”

Abdinasir Saman, 38 anos, trabalha para a Wajir Peace and Development Agency (WPDA) desde há 10 anos. Fundada por dirigentes comunitárias femininas no condado de Wajir, no nordeste do Quênia, a WPDA foi criada em meados da década de 1990, numa época em que a região estava envolvida em violentos conflitos de clãs. Desde então, as mulheres Wajir e a WPDA têm estado na vanguarda dos esforços de paz e segurança localizados e desempenham um papel fundamental no combate à ameaça do extremismo violento na região.



Abdinasir Saman, da Wajir Peace and Development Agency, discute o Plano de Ação do Condado de Wajir sobre o Combate ao Extremismo Violento (CEV). Foto: Cortesia da Wajir Peace and Development Agency

“ Ainda ontem, foi encontrado o corpo de uma mulher, torturada e sexualmente violada, a 700 metros de uma esquadra da polícia local. Hoje, um dispositivo explosivo improvisado deflagrou na fronteira. A insegurança faz parte da vida quotidiana em Wajir; por conseguinte, as questões da paz e da segurança são muito relevantes.

O trabalho nesta área não está isento de riscos. Recentemente, em Khorof Harar (uma vila fronteiriça a mais de 100 km do centro de Wajir), estávamos a tentar rever uma resolução entre duas comunidades. Membros do grupo terrorista infiltraram-se na reunião e gravaram todas as nossas discussões. Durante a reunião, fomos informados de que não era seguro e disseram-nos para sairmos antes de podermos concluir o nosso trabalho.





A violação de direitos é uma ocorrência diária. Porém, os atos de violência contra mulheres e raparigas, em especial a violência sexual e baseada no gênero e as práticas nocivas, incluindo o casamento precoce/infantil, registaram um acréscimo com o aumento do extremismo violento.

O extremismo violento criou um conflito regional no qual as mulheres são sistematicamente visadas, tanto por grupos extremistas como por agentes da segurança. Esta situação difere dos conflitos anteriores, relacionados com recursos ou litígios comunitários. Por um lado, as raparigas (dos 20 aos 30 anos) são forçadas a casar com extremistas. São objeto de apropriação e delas se espera que ajudem a apoiar a causa, nomeadamente pelo fornecimento de alimentação e abrigo aos extremistas. Por outro lado, a desconexão entre os agentes da segurança e a comunidade, causada pelo extremismo violento, também põe as mulheres em risco. Os agentes da segurança que chegam ao condado de Wajir tendem a perceber cada indivíduo como membro de um grupo terrorista – as mulheres são visadas e segue-se a violência sexual, sem responsabilização.

Os casos de violência sexual, bem como outros litígios comunitários, são levados aos “anciões” locais e regulados por meio de um sistema patriarcal de resolução de conflitos conhecido como “maslaxa”, um mecanismo alternativo de resolução de litígios reconhecido pelo Estado, pela administração pública do condado e pelas organizações da sociedade civil. As mulheres são excluídas desse processo de tomada de decisões e os seus direitos são muitas vezes ignorados.

Apesar do sucesso das campanhas da WPDA para retirar as questões da violência contra as mulheres desse sistema tradicional de tomada de decisões, os direitos das mulheres continuaram a ser ignorados no maslaxa. O condado é grande, cerca de 52 000 quilômetros quadrados, pelo que é difícil monitorizar a situação e impor a lei longe dos centros urbanos.

Embora os seus direitos sejam regularmente violados, as mulheres são fundamentais para a construção da paz em Wajir. Historicamente, têm desempenhado um papel essencial na segurança: em 1994, quando a região estava envolvida em violentos conflitos de clãs, as dirigentes comunitárias femininas congregaram-se para criar a WPDA.

As mulheres de Wajir têm estado na vanguarda dos esforços localizados de paz e segurança e constituíram o modelo para as estruturas regionais da paz.



Abdinasir Saman participa num fórum de diálogo consultivo com o Conselho de Anciões da Alfatah para a Resolução Alternativa de Litígios (RAL). Foto: Cortesia da Wajir Peace and Development Agency

Os comités comunitários da paz tiveram origem em Wajir e tornaram-se comuns em todo o Quênia, espalhando-se para a Somália e a Etiópia. Tive a sorte de receber orientação de algumas dessas pioneiras da paz, Noria Abdullahi Abdi, Fatuma Mire e a falecida Dekha Ibrahim Abdi, e isso inspirou-me a trabalhar em prol da promoção dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero.

Apesar desses sucessos, ainda participo em reuniões onde me confronto com as perspetivas tradicionais. Espera-se dos homens que lidem com os conflitos nos diálogos comunitários. A presença das mulheres é menosprezada ou entende-se que simplesmente não acrescenta valor.

Mais recentemente, em março de 2020, houve um encontro entre duas comunidades do Quênia e da Somália para dar resposta a alguns desafios socioeconómicos e de segurança cruciais ao longo da fronteira. Os participantes na reunião excluíram deliberadamente as mulheres das delegações, que incluíam cerca de cinquenta pessoas da comunidade queniana e cem da comunidade somaliana.

Defendemos fortemente a inclusão das mulheres nessas conversações, o que ajudou a moldar o curso do processo reconciliatório e, provavelmente, a aceitação subsequente das resoluções alcançadas. As mulheres participantes sublinharam a destruição da guerra, recordando aos participantes um ditado somali: “Na guerra ou no conflito, o filho é morto, mas nenhum filho nasce”. As mulheres Wajir também exigiram que os perpetradores de violência sexual fossem punidos com toda a força da lei e afastados do sistema alternativo de resolução de litígios.

Até que se dê resposta aos desafios quotidianos das mulheres e raparigas, aqui em Wajir, o extremismo violento e o conflito continuarão a crescer e a agravar as violações vividas.

Agora, mais do que nunca, precisamos de um compromisso político e de ação sustentada de todas as partes interessadas no terreno para responder a esses desafios. ”